

EDISON BENTES FARIAS

AMAZÔNIA:

OS FATOS AS HIPÓTESES

M³

Editora Metro Cúbico

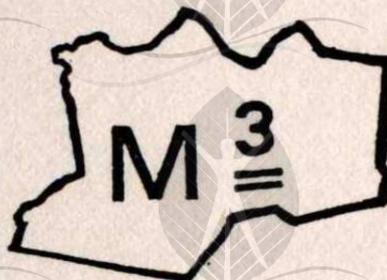


BITTENCOURT
.9811
4a

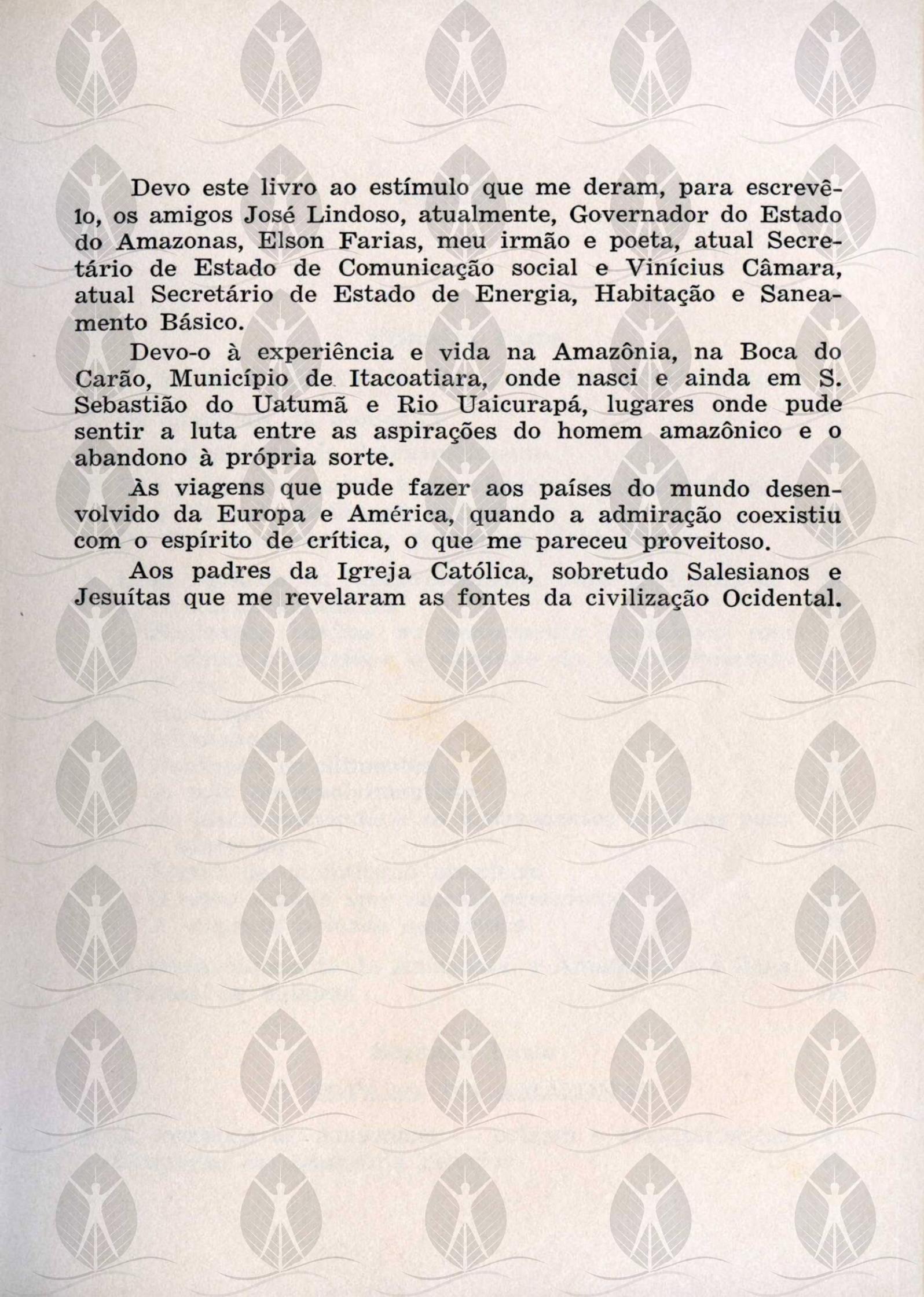
Edison Bentes Farias

AMAZÔNIA:
Os Fatos
As Hipóteses

AmM
330.9811
F 224a



Editora Metro Cúbico
1981



Devo este livro ao estímulo que me deram, para escrevê-lo, os amigos José Lindoso, atualmente, Governador do Estado do Amazonas, Elson Farias, meu irmão e poeta, atual Secretário de Estado de Comunicação social e Vinícius Câmara, atual Secretário de Estado de Energia, Habitação e Saneamento Básico.

Devo-o à experiência e vida na Amazônia, na Boca do Carão, Município de Itacoatiara, onde nasci e ainda em S. Sebastião do Uatumã e Rio Uaicurapá, lugares onde pude sentir a luta entre as aspirações do homem amazônico e o abandono à própria sorte.

Às viagens que pude fazer aos países do mundo desenvolvido da Europa e América, quando a admiração coexistiu com o espírito de crítica, o que me pareceu proveitoso.

Aos padres da Igreja Católica, sobretudo Salesianos e Jesuítas que me revelaram as fontes da civilização Ocidental.

Sumário

Primeira Parte

A PROBLEMÁTICA DO DESENVOLVIMENTO

- | | |
|--|----|
| 1. Os caminhos da economia | 11 |
| 2. A controvérsia do desenvolvimento | 15 |
| 3. Que partes do mundo terão chances de se desenvolver nesta fase da civilização industrial | 21 |
| Os mercados mundiais podem ser agredidos | 22 |
| 4. Uma filosofia de desenvolvimento para a Amazônia | 24 |
| A realidade amazônica | 24 |
| <i>Mudanças básicas no pensamento amazônico com vistas a aplainar o caminho do desenvolvimento</i> | 27 |
| Clima | 27 |
| Habitação | 27 |
| Alimentação | 28 |
| Produção de alimentos | 29 |
| A ação desenvolvimentista | 30 |
| <i>Os ideais nacionais e os instrumentos políticos para atingi-los</i> | 31 |
| Forma de capitalismo brasileiro | 31 |
| <i>O novo mundo empresarial amazônico</i> | 32 |
| <i>A empresa privada amazônica</i> | 33 |
| 5. O desenvolvimento da Amazônia, o Amazonas e a Zona Franca de Manaus | 36 |

Segunda Parte

O ESTADO DO AMAZONAS

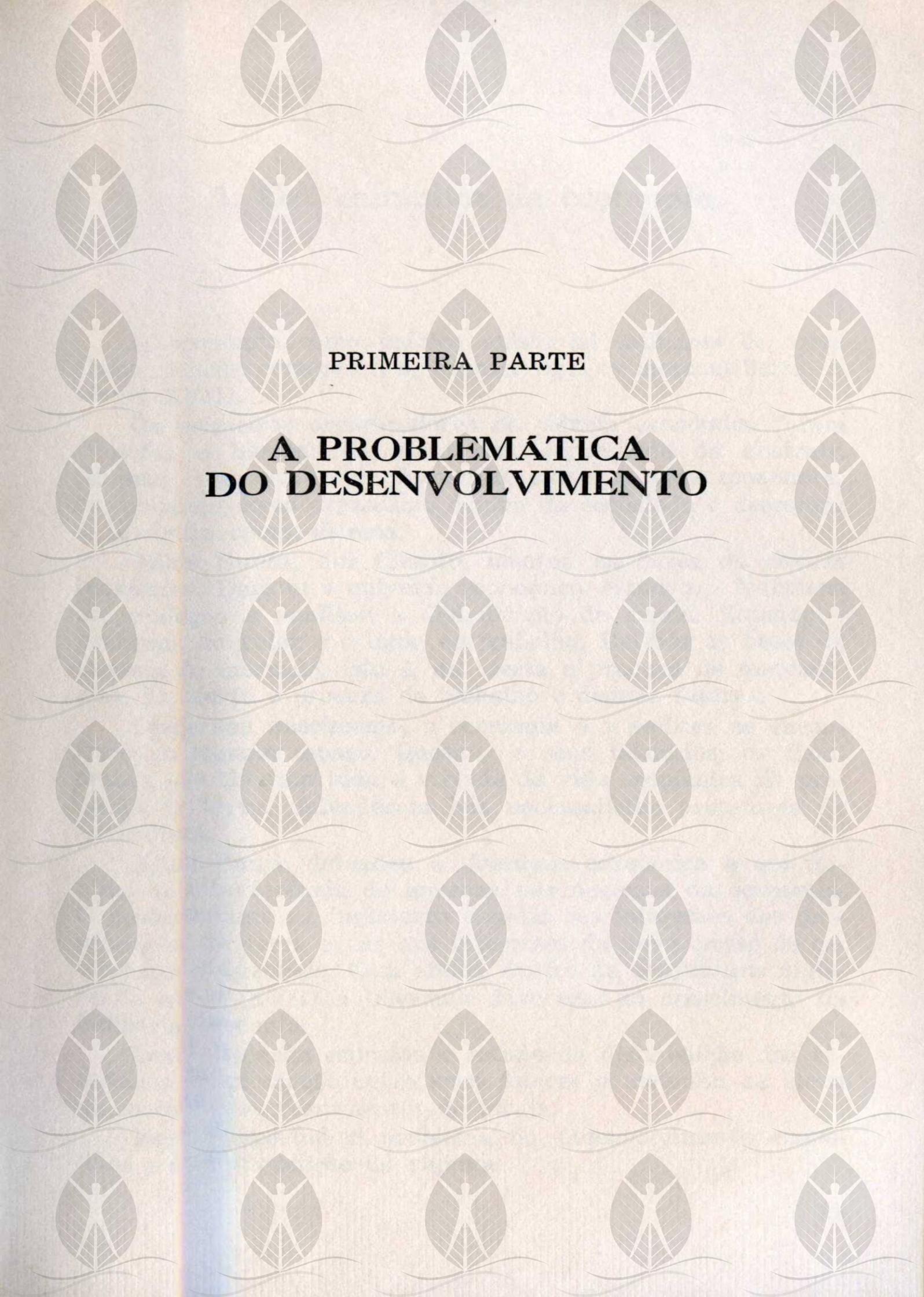
- | | |
|--|----|
| 1. A economia do Amazonas — origem e características | 47 |
| Ocupação da Amazônia interior | 47 |

Motivação política da ocupação da Amazônia interior	49
Papel da ciência e da tecnologia na ocupação da Amazônia interior	49
A evolução da economia mundial e a ocupação da Amazônia interior	50
2. As características e tendências atuais da economia amazonense	52
A Zona Franca de Manaus	52
O interior do Estado	54
3. Uma digressão em torno do setor financeiro	55
4. Os objetivos de uma política de desenvolvimento para a Amazônia interior	59
5. Uma estratégia para o desenvolvimento do interior (Hinterland Amazônico)	61

Terceira Parte

AS HIPÓTESES AMAZÔNICAS

1. O contexto do mundo atual e as hipóteses amazônicas	69
2. O desenvolvimento da tecnologia e a vida amazônica	71
3. A cidade amazônica	74
4. A Universidade Amazônica	79
5. O sol, a água e a terra	82



PRIMEIRA PARTE

**A PROBLEMÁTICA
DO DESENVOLVIMENTO**

1. Os caminhos da economia

A economia como prática existe há milhares de anos. Como ciência, começou a se formar com os mercantilistas do século XVIII.

Os primeiros organizadores da ciência econômica foram filósofos e homens de visão com capacidade de abstrair. Quesnay, um médico de formação, situou a vida econômica, funcionando como organismo dentro da sociedade e descobriu a economia como sistema.

Adam Smith, um filósofo, montou as bases da ciência econômica. Definiu o universo econômico, estudou o fenômeno da produção e analisou a distribuição da renda. Estudou o problema do valor e o ligou ao trabalho. Definiu as bases do sistema de mercado, isto é, da oferta e procura de mercadorias, da oferta e procura de trabalho e demais fatores.

Desde seu nascimento, a economia e a política se encontram no mesmo espaço. Quesnay e seus liderados, os fisiocratas, que tiveram toda a virtude da vida econômica da produção da terra, defenderam leis nacionalistas protetoras da agricultura.

Adam Smith defendeu a liberdade econômica e um mínimo de interferência do governo nos negócios da economia. O protecionismo da Inglaterra atendia aos interesses dos proprietários da terra e não aos interesses da nova classe de capitalistas industriais. Com efeito, dentro da conjuntura inglesa do século XVIII a liberdade favorecia ao crescimento da indústria nascente.

David Ricardo espalhou o estudo da distribuição dos resultados da produção entre seus fatores e assentou as bases do conceito dos rendimentos de escala.

Marx despertou o problema do desenvolvimento econômico e da distribuição da riqueza.

Marx situou a contradição poupança/consumo e acumulação/distribuição de renda, no processo de crescimento da economia e aprofundou análises de ambos os fatos. Dentro da realidade vigente, Marx profetizou o fim catastrófico do sistema capitalista. Isso não aconteceu porque o quadro se transformou. Mas o ingrediente da crise da transformação por que passa ainda em nossos dias a economia mundial está prenhe da tensão gerada pelo antagonismo acumulação/distribuição.

Os neoclássicos viveram uma nova realidade de progresso não sonhada pelos clássicos nem por Marx. A demanda global cresceu: a capitalização da economia sofisticou o sistema da produção; aumentou-se a produtividade; desceu o custo médio dos produtos; começou a surgir o consumo de massa. A demanda de trabalho aumentou, os sindicatos e os movimentos operários conseguiram elevação nos níveis de salários, enquanto a sofisticação nos equipamentos, exigindo mão-de-obra mais preparada, permitia também uma produtividade média mais elevada. Dentro desse «boom» econômico se firmou a «Teoria Micro-Econômica» basicamente a elegante e sofisticada teoria neoclássica.

Mas o antagonismo acumulação/distribuição continuou a perseguir a humanidade. Acumulou-se muito capital, o consumo não acompanhou a acumulação, começaram a se amontoar excedentes por falta de absorção, tanto dos bens de consumo como dos bens de capital. Diante dos estoques sem movimento, das massas de trabalhadores desempregados, da capacidade instalada sem utilização, da baixa da taxa de juros e da falta de tomadores para o dinheiro, o mundo capitalista se viu frente ao fantasma desconhecido da depressão e entrou em pânico.

Keynes apareceu com soluções não muito ortodoxas nem muito agradáveis para os conceitos da época, mas altamente eficazes. Os salários não deviam ser reduzidos mas mantidos no mesmo nível. A manipulação da taxa de juros não ajudaria a vencer a recessão. O poder público deveria fazer investimentos maciços para repor a economia no nível desejado. Ao contrário dos conceitos vigentes que apontavam como remédio para o mal a redução dos salários e a redução da taxa de juros. Da mesma feita que repudiavam a ingerência do governo na economia.

Uma economia em depressão experimenta baixos níveis de renda e absorção, face à sua capacidade de produzir. Redução de salários irá abaixar ainda mais os níveis globais de renda, agravando a depressão.

Redução da taxa de juros não consegue levantar economias em depressão, já que ninguém investe somente porque os juros são baixos, mas sobretudo porque o volume das rendas globais da economia permite absorção do que se vai produzir, com garantia de lucratividade dos investimentos.

Os investimentos sim, estes poderiam reanimar a economia gerando rendas imediatas e neutralizando a recessão. Mas não era lógico esperar do setor privado investimentos em época de recessão. Os investimentos tinham que ser públicos e essa foi exatamente a grande receita de Keynes cujos efeitos salvaram do caos as economias ocidentais. Os investimentos públicos repuseram as economias no nível desejado de desempenho.

Na elaboração das teorias tendentes a solver o problema da recessão nas economias ocidentais, Keynes desenvolveu aperfeiçoamentos para a economia do dinheiro.

Keynes abriu horizontes novos no campo da ciência econômica, mas não escreveu para as economias subdesenvolvidas. Na realidade nem pensou nelas. Sua obra se limitou aos problemas teóricos e políticos de economias em recessão, as economias desenvolvidas da década de trinta.

Keynes tem pouco a oferecer às economias subdesenvolvidas. Introduziu contudo uma novidade interessante na ciência econômica: a política fiscal (política de rendimentos gastos do governo). Para a economia do desenvolvimento esse é um passo importante, já que se abriu o precedente da entrada da ação governamental na economia. E sem a ação do governo na vida econômica, não existe economia do desenvolvimento.

O liberalismo econômico como ciência e como política, deixou praticamente de existir após Keynes. Da mesma forma Keynes desmistificou conceitos da poupança e das taxas de juros mais ligadas à moral que à verdade científica. A poupança é menos resultado da frugalidade que de instituições e fatos econômicos e sociais que a fazem surgir. A política monetária teve suas limitações definidas, após Keynes, como agente estimulador da economia. Bem mais eficazes seriam os investimentos, sob a ação do poder público.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**